

### **PSICOLOGIA E CULTURA III: CULTURA BRASILEIRA.**

Psicologia e Cultura é um campo particularmente fértil para problematização da mútua constituição entre sujeito e mundo social. Propomos Sessão Coordenada de trabalhos tematizando a cultura brasileira em suas características modalidades de elaboração da experiência. Propomos várias pesquisas abordando temas contemporâneos relevantes: educação entre política e humanismo no Brasil, convívio inter-religioso, identidade e literatura, eu-nós no meio popular.

### **RELACIONAMENTO INTER-RELIGIOSO NA CULTURA BRASILEIRA: ESTUDO DE CASO DA VIVÊNCIA DE UMA BUDISTA. *Yuri Elias Gaspar\*\* e Miguel Mahfoud (Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)***

A convivência com o diferente, tema atual e urgente, tem no encontro inter-religioso um de seus maiores desafios. Nesse cenário, o Brasil evidencia relacionamentos inter-religiosos baseados no reconhecimento e transformação recíproca. Objetivamos descrever a dinâmica da experiência de relacionamento inter-religioso na cultura brasileira a partir do estudo de caso da vivência de uma budista. Realizamos entrevista de história de vida temática com a budista Carolina e a analisamos fenomenologicamente. Diante dos problemas familiares, Carolina busca na religião respostas para seus questionamentos e, insatisfeita com o Catolicismo, adere ao Budismo por encontrar correspondência às suas buscas. No princípio, seus pais não aceitaram sua decisão e Carolina respeitou a resistência, permanecendo em sua prática provisória de oração e buscando se tornar melhor filha para transformar e harmonizar seu ambiente. Na convivência, com o passar do tempo e com diálogo aberto, sua família – permanecendo católica – aceitou a conversão e passou a participar de reuniões budistas. Embora haja aceitação, há também resistências que Carolina enfrenta mostrando, no relacionamento, que o Budismo quer respeito, paz e harmonia com todos. Fazem parte de sua experiência situações de diálogo: cada um, respondendo às situações e dramas vividos, expressa sua opinião religiosa sendo respeitado em sua crença, sem pretensões de conversão do outro. Segundo Carolina, esse diálogo é também proposta da organização budista da qual participa: promoção do autoconhecimento, felicidade e paz com criação de valores humanos na prática e no diálogo com o diferente. Isso não significa ausência de conflitos, mas modo diferente de lidar com problemas, implicando mudança interior na ação, convivência saudável e transformação do ambiente. Apreendemos nas elaborações de Carolina certo modo de constituição do relacionamento inter-religioso: diante de dificuldades, o sujeito é solicitado a buscar respostas para buscas existenciais. Encontrando correspondência numa proposta religiosa, há adesão pessoal, que abre problemas e possibilidades diante do diferente. O primeiro impacto inclui resistência e busca por respeitar o outro na própria condição. É enfrentando o preconceito e o drama de que a aceitação do outro é importante para a própria adesão religiosa que o relacionamento pode continuar a se realizar. É preciso também tempo, convivência e posicionamento ético para romper resistências, afirmar e cuidar da abertura do relacionamento. O diálogo inter-religioso nasce do encontro no qual cada um é solicitado a responder pessoalmente às situações cotidianas vividas sendo conhecido e respeitado em seu posicionamento religioso. Não se trata de converter ou disputar opiniões, mas atualizar quem se é a partir da própria experiência religiosa. Tal relacionamento abre novo campo de compreensão da própria vida e do

mundo. Segundo Sanchis, a religiosidade na cultura brasileira é marcada pelo sincretismo e porosidade de identidades, características encontradas em nossa análise. Compreendemos que a experiência de Carolina é um modo próprio de atualizar essa cultura, sendo imprescindível posicionamento de abertura e afirmação de si e do outro diante dos dramas e possibilidades do relacionamento. Conclui-se que é possível viver o relacionamento inter-religioso como ocasião de cuidado consigo e com o outro no impacto, convivência e elaboração pessoal da experiência desse relacionamento.

Apoio financeiro/Bolsa: CAPES

Nível do trabalho: Doutorado - D

Palavras-chave: Relacionamento inter-religioso; Cultura brasileira; Fenomenologia

Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social

**AUTOBIOGRAFIA E CULTURA: A VIVÊNCIA DO EU ENQUANTO \"NÓS\" EM UMA COMUNIDADE TRADICIONAL DE MINAS GERAIS.** *Eduardo Vinícius Moura de Carvalho\**, Miguel Mahfoud (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)

Em Psicologia Social há uma importante discussão quanto à relação entre pessoa e cultura em que, por um lado, esta relação é entendida como tendo um caráter conflituoso e por outro, um caráter interconstitutivo. Partimos do fato de que a cultura é um dado constituído de esquemas e valores os quais formam a pessoa do mesmo modo que a pessoa, enquanto pertencente a uma determinada cultura, ao agir nela também a forma. Entendemos, portanto que a relação pessoa e cultura têm um caráter de constituição mútua. Tivemos como objetivo identificar, a partir de entrevistas autobiográficas, de que formas o modo como uma pessoa elabora a história de sua vida tangencia as características próprias da tradição do povo local. A partir disso, o presente trabalho teve como objeto uma entrevista autobiográfica realizada com Dona Clarinda, uma senhora de 83 anos, por se tratar de alguém que traz vivências significativas para toda a sua comunidade em múltiplos âmbitos tais como educação, política, religião e música do local onde nasceu e mora até então. Dona Clarinda é de Morro Vermelho, comunidade rural tradicional, distrito da cidade de Caeté, de aproximadamente 800 habitantes, localizada no interior de Minas Gerais. Essa comunidade se caracteriza por tradições advindas da colonização portuguesa que continuam a ser transmitidas desde o início do século XVIII. Utilizamos o método fenomenológico na análise do relato autobiográfico para que pudéssemos apreender, do encontro com o material, as vivências próprias de Dona Clarinda e sua relação com a comunidade de Morro Vermelho. Obtivemos como resultado que seu posicionamento é orientado de modo que a realização pessoal coincide com a realização do \"nós\", isto é, da comunidade como um todo. Identificamos que este modo de se colocar no mundo se liga a três aspectos: 1) \"A experiência religiosa enquanto horizonte último\", que se refere à fé em Deus e em Nossa Senhora de Nazareth, padroeira local, como orientadores dos dados de sua vida e da comunidade. Tal horizonte a coloca diante do fato de que sua vida está fundamentalmente ligada à dos demais; 2) \"Enraizamento da experiência\", que diz respeito ao modo como as histórias de vida de antepassados e coetâneos estão ligados à sua própria vida como uma continuidade, o que radicaliza o seu olhar para a experiência do \"nós\"; 3) \"A transmissão de conhecimentos e valores\", que diz respeito ao valor dado à estrutura física e ao conhecimento da tradição como patrimônios do grupo, e, portanto, o valor da transmissão destes valores aos descendentes é tomado como possibilidade da continuidade do eu na experiência do \"nós\". Concluímos, que Dona

Clarinda, na medida em que se realiza enquanto pessoa contribui para a realização da comunidade e do povo de Morro Vermelho como um todo. A experiência de Dona Clarinda abre-nos, portanto, a possibilidade de compreender a vivência do eu enquanto "nós" como realização da pessoa e da comunidade não apenas como conflito, mas também enquanto totalidade.

Apoio financeiro/Bolsa: FAPEMIG

Nível do trabalho: Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação)

Palavras-chave: Autobiografia; Vivência Comunitária; Fenomenologia

Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social

**PSICOLOGIA HUMANISTA E EDUCAÇÃO BRASILEIRA: ANÁLISE HISTÓRICA, POLÍTICA E CULTURAL DO PERCURSO INTELECTUAL DE PAULO FREIRE.** *Rodrigo Borgheti\*\**, *Marina Massimi* (Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)

A obra de Paulo Freire representa para o pensamento educacional brasileiro do século XX, um marco referencial e vem sendo estudada, compreendida e interpretada, ao longo dos últimos anos, sob diversos aspectos não somente no Brasil, mas em outros países. Recebeu influências de diversas matrizes filosóficas, entrando em contato com pensadores revolucionários, cujas influências o ajudaram a fortalecer as bases científicas e religiosa que se explicitaram em sua opção política e posicionamento ético, buscando sempre coerência entre o discurso e a prática. Freire salientou que o homem somente poderia captar criticamente a tragédia na qual estava inserido, conhecendo as rachaduras e condenações da sociedade, se fosse verdadeiramente livre. Neste sentido, a Psicologia pragmatista era insuficiente, pois não lhe trazia elementos para esta compreensão. Freire encontrou no percurso investigativo da psicologia humanista de Erich Fromm o seu mesmo anseio na busca de entender qual possibilidade o homem contemporâneo teria de viver sua liberdade no contexto histórico complexo como era o de sua época. Deparamo-nos, portanto, com dois autores que tentaram responder, desde a perspectiva das áreas de conhecimento a que estavam vinculados (Paulo Freire–Educação, Erich Fromm – Psicanálise Social), ao problema da liberdade humana. Por isto, desenvolveu uma ideia de educação embebida da realidade, vinculada com a vida e seus problemas que tornará possível a concretização de uma sociedade somente se composta por homens livres. Tanto em Freire quanto em Fromm, encontramos uma forte consciência histórica e propostas contra a alienação política das pessoas a favor do engajamento social, com a finalidade de transformação da realidade. Ambos viveram experiências humanas que os marcaram profundamente: o engajamento religioso que os levou ao comprometimento com a justiça social e o exílio, comum aos dois (Fromm nos Estados Unidos, por causa do Nazismo na Europa e Freire no Chile, por causa da ditadura militar no Brasil). Estas experiências tornaram possível que Fromm desenvolvesse uma teoria sobre o domínio das relações interpessoais, dos sentimentos, das motivações, da percepção intuitiva e da capacidade de cognição e Paulo Freire se apropriasse da psicologia humanista de Erich Fromm, para interpretar, do ponto de vista pedagógico, a inexperiência democrática do povo brasileiro do contexto histórico em questão e buscar um caminho formativo de transformação.

Nível do trabalho: Doutorado - D

Palavras-chave: Psicologia Humanista; Educação Brasileira; Paulo Freire; Erich Fromm

Área da Psicologia: HIST - História em Psicologia

**CULTURA E SUBJETIVIDADE NA OBRA LITERÁRIA “O QUINZE” DE RACHEL DE QUEIROZ.** *Paulo Coelho Castelo Branco\*\* (Universidade Federal da Bahia, Campus Anísio Teixeira, Vitória da Conquista, BA / Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG), Miguel Mahfoud e Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)*

Objetivamos analisar o romance “O quinze de Rachel de Queiroz” em uma perspectiva interdisciplinar que estabelece a obra literária como recurso de elaboração historiográfica das ideias psicológicas, vernáculos à cultura e subjetividade cearense. A história das ideias psicológicas é uma perspectiva de investigação dos conhecimentos e práticas culturais que interessam e dizem respeito à Psicologia, mas não pertencem exclusivamente à ciência psicológica, pois lhe são anteriores ou se constituem de forma paralela a ela. Desse modo, a apreensão dos saberes, diluídos nas manifestações culturais populares de uma região, fornece subsídios para a compreensão dos elementos constitutivos das vivências e experiências de um grupo social. Isso possibilita uma aproximação entre Literatura e Psicologia, para sugerir que esta considere aquela como fonte de informações culturais e subjetivas de uma região. Destarte, compreender os sentidos estruturais presentes no romance mencionado nos possibilita adentrar uma forma ampla de extratos superiores de sentido que compõe a subjetividade cearense. Entendemos, assim, que o livro O quinze emana fundamentos de significância da experiência humana que retratam o mundo-da-vida cearense, com características que perpassam as dimensões do cotidiano, do senso comum e da memória, presentes numa cultura perpassada pelas intempéries da seca. Diante dessa elaboração teórica, concebemos três eixos temáticos que nos possibilitam pensar os aspectos culturais e subjetivos do povo cearense, a partir da leitura do romance de Queiroz. (1) A seca como elemento significativo de pertencimento a um grupo: como fenômeno compartilhado pelo mundo-da-vida dos personagens do livro, entendemos que o drama da vivência da seca fornece elementos que constitui uma significação de pertencimento a um grupo. A cultura cearense é lugar de acolher quem precisa, pois todos estão sobre o mesmo solo. Na perspectiva de constituição dessa identidade social, a territorialidade cearense (espaço vivido) se torna fator de afinidades mutuas. (2) A diáspora sertaneja: diante da seca, a tragédia da emigração consiste em saber de onde se parte, no entanto desconhecer onde se vai parar. Apreendemos a emigração como uma vivência de abertura para o desconhecido, em que o indivíduo se afasta de uma situação biográfica e socioculturalmente estabelecida para destacar seu substrato pessoal e coletivo em outro mundo-da-vida e cultura. (3) A esperança na chuva: delineados num cotidiano de novenas, a despeito do flagelo da seca, a cultura sertaneja é repleta de fé na chuva. Esta produz o sentido do retorno de algo bom para o povo cearense, o que implica numa atividade de espera pelo retorno dos dias mais prósperos de terra fértil. Concluimos que o estudo aponta para o entendimento de que a Psicologia e a Literatura, como manifestações culturais, tratam de diversas formas de conhecimento que abordam os mesmos interesses e preocupações da vida, respondidos em horizontes de sentidos diferentes. A relação entre os saberes psicológicos e literários possuem uma acuidade que torna o psicólogo mais sensível aos dramas humanos. Consideramos, finalmente, que a perspectiva historiográfica utilizada pode se estender para outras produções culturais, constituintes da subjetividade cearense, como a lenda de Iracema e a figura do jangadeiro.

Nível do trabalho: Doutorado - D



Parte integrante dos resumos de Comunicação Científica apresentados durante  
a 43ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Aracaju, 2013.

ISSN 2176-5243

Palavras-chave: Cultura, História das Ideias Psicológicas, Subjetividade  
Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social